

# Ubuntu e a felicidade técnica

Edilson Cazeloto

**FREIRE FILHO, João (org.) (2010)**

*Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*  
Editora FGV, 295 p.



**Resumo:** A noção de “felicidade”, para além de uma concepção subjetivista, é resultante de uma série de agenciamentos socialmente induzidos, capazes de construir concepções hegemônicas de valores, representações e estilos de vida. A coletânea “*Ser Feliz Hoje*”, ao reunir pesquisadores de diversos campos do conhecimento, produz um mapeamento das múltiplas dimensões que o significado da felicidade adquiriu nas sociedades midiaticizadas. Este significado é, cada vez mais, sujeito à lógica do mercado, na qual aparece como uma técnica vinculada ao esforço individual.

**Palavras-chave:** ciências humanas; felicidade; imperativo da felicidade.

**Abstract:** **Ubuntu and the technical happiness.** The idea of “happiness” - far beyond a subjectivist conception - results from a series of socially produced agenda settings, capable of building hegemonic conceptions of values, representations and lifestyles. By gathering several researches from various fields of knowledge, the selection “*To be happy nowadays*” produces a mapping of the multiple dimensions that the meaning of happiness acquired in mediatized societies. This meaning is, more and more, liable to a market logic, in which it appears as a technique linked to individual effort.

**Keywords:** humanities; happiness; imperative of happiness.

“We believe that a person is a person through another person, that my humanity is caught up, bound up, inextricably, with yours. When I dehumanise you, I inexorably dehumanise myself. The solitary human being is a contradiction in terms and therefore you seek to

work for the common good because your humanity comes into its own in belonging”<sup>1</sup>.  
Desmond Tutu<sup>2</sup>

“É impossível ser feliz sozinho.”  
Tom Jobim

A frase do Arcebispo e Nobel da Paz Desmond Tutu (que ecoa no verso de Tom Jobim) é uma expressão de uma filosofia ancestral africana (que também é uma ética e um estilo de vida) chamada *Ubuntu*. De origem Zulu, a expressão ficou conhecida por uma máxima moral: *umuntu ngumuntu ngabantu* ou “uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”.<sup>3</sup>

*Ubuntu* é o reconhecimento de que a felicidade só existe como partilha. No entanto, a paisagem que emerge da obra “*Ser Feliz Hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade*” é bem menos romântica. Os 14 textos que integram essa coletânea, organizada por João Freire Filho, foram produzidos por pesquisadores de áreas distintas como a comunicação, a antropologia e a psicologia. Cada um, em coerência com sua especialidade, abordou o tema da “felicidade” e buscou compreender o modo como esse sentimento/emoção se configura nas sociedades contemporâneas. Em que pese a diversidade de olhares, o resultado permite ao menos uma conclusão consensual: a felicidade tornou-se um “imperativo”, uma mistura de dever e direito que pesa sob os ombros de homens e mulheres do século XXI. Dir-se-ia que os artigos apresentados refletem diferentes modos de compreender esse fenômeno, a partir de variados pontos de vista, objetivos e estratégias. O resultado, porém, é a visão de uma paradoxal “tristeza da felicidade”: reduzida a mercadoria, vi-giada, administrada, massificada, esvaziada de significados e, por fim, transformada em alibi para os promissores mercados da psicologia positiva e da auto-ajuda, a felicidade, tal qual desvendada pelos pesquisadores, aparece como um reflexo distorcido de um ideal.

O pensamento em torno do tema da felicidade não é uma excentricidade acadêmica, nem mesmo uma novidade. Se, entre os gregos<sup>4</sup>, o tema já figurava como parte integrante das reflexões sobre a ética e o “bem-viver”, na ciência contemporânea a noção de felicidade perde sua coloração deontológica e assume a feição de um “sintoma”: a premissa é a de que é possível interpretar as linhas de força que constituem o social a partir do modo como certos valores são assimilados e transmitidos. Além disso, é possível intuir

1 “Nós acreditamos que uma pessoa é uma pessoa através de outra pessoa. Minha humanidade está inextrincavelmente ligada com a sua. Quando eu desumanizo você, estou inextrincavelmente desumanizando a mim mesmo. O “ser humano solitário” é uma contradição em termos, portanto, busque trabalhar pelo bem comum porque sua humanidade se constitui a partir do pertencimento”.

2 TUTU, Desmond. Disponível em <http://www.tutufoundationuk.org/ubuntu.html>. Último acesso em 17/mai/2001.

3 LOUW, Dirk J. “*Ubuntu: An African Assessment of the Religious Other*”. Twentieth World Congress of Philosophy Boston, Massachusetts, 1998. Disponível em <http://www.bu.edu/wcp/Papers/Afri/AfriLouw.htm>. Último acesso em 17/mai/2011.

4 Para Aristóteles, a felicidade era o bem supremo da vida. Mas a noção de felicidade que o filósofo almejava estava relacionada à *eudaimonia*, que pode ser compreendida em termos de “realização da virtude”.

extrapolações capazes de oferecer um prognóstico sobre o devir do social baseando-se nas consequências da prevalência das linhas de força assinaladas. A “felicidade” parece ser um destes valores capazes de falar sobre o que somos e para onde a história pode nos levar. A felicidade é uma construção social ou, na expressão de Berger e Luckmann, é parte da “construção social da realidade”. Como tal, ela é a cristalização (sujeita à dinâmica das transformações culturais) das ações e representações do passado, ao mesmo tempo em que cria as condições de possibilidade do futuro.

Como a resenha de uma coletânea quase sempre deve buscar linhas de convergência entre os artigos para compor uma visão sobre a obra como um todo, gostaria de destacar alguns pontos que me pareceram mais consensuais entre os autores, mesmo sabendo que esse procedimento acaba por recalcar contradições e diferenças que, ao final, colaboram para enriquecer uma leitura mais detalhada.

Começo apontando a relação entre a busca contemporânea pela felicidade e a chamada “governamentabilidade neoliberal”. Governamentabilidade, neste contexto, é um termo que deriva diretamente de Foucault. Embora esse tema apareça em vários artigos (de maneiras diretas e indiretas), coube a Sam Binkley construir uma fórmula incisiva: “A felicidade é uma tecnologia do governo neoliberal” (p. 85)<sup>5</sup>.

“Mais do que impor um conformismo aos regimes de produção em massa e à sociedade de massa por meio de um discurso de ajuste psicológico, o novo discurso sobre a felicidade subscreve o agenciamento, a iniciativa e a autorresponsabilidade concebidas no quadro de referência da autonomia baseada no mercado” (p. 84).

Ser feliz aparece, ainda, em diversos momentos do livro, como uma forma de “capital”. O indivíduo feliz trabalha melhor, estabelece relações sociais produtivas, sente-se motivado. A felicidade é combustível para carreiras de sucesso e, nessa medida, ela é “útil”: relaciona-se às estratégias de gestão da vida cotidiana, com vistas aos fins específicos e particulares do modelo de produção. É também uma das dimensões da mercantilização geral da existência, promovida por essa mentalidade. A felicidade sustenta e legitima um mercado cada vez mais amplo (livros de autoajuda, palestras, terapias, medicamentos, produtos de beleza, moda etc.), sintoma da expansão tendencialmente infinita da lógica da mercadoria. A busca pela felicidade é um investimento que transfere valor à mercadoria.

Como consequência deste primeiro ponto surge outra constatação: a felicidade foi privatizada, retirada da esfera da socialidade para o campo da ação individual. Mais do que isso: ela foi reduzida a uma “interioridade pura”: ser feliz relaciona-se, na cultura contemporânea, a ser “autônomo”, ou seja, a felicidade é um estado interior que se conquista independentemente das circunstâncias sociais ou políticas<sup>6</sup>. É uma questão de

5 Todos os trabalhos citados referem-se a artigos da própria coletânea. Citações diretas serão referenciadas com o número da página em que o texto original aparece.

6 No livro, o artigo de Gilberto Velho funciona como um contraponto a essa noção, mostrando o quão enraizados nas relações sociais estão os “projetos de felicidade” contemporâneos.

“foro íntimo”. Na formulação de Joel Birman, a busca pela felicidade é parametrizada pelo “eu ideal” freudiano, aquele que “(...) transforma o sujeito no seu próprio ideal sem levar em consideração o outro e qualquer imperativo ético de alteridade” (p.39). O autor vê a felicidade contemporânea como resultado lógico e necessário de uma *cultura do narcisismo* (a expressão é de Christopher Lasch), que é o antônimo perfeito à ética do *Ubuntu*. A felicidade é um vício solitário, que tem no indivíduo o seu fim e o seu meio.

Dos dois pontos anteriores, emerge um terceiro: como parte da governamentalidade neoliberal, assumida como projeto individual, a felicidade pode, então, ser reduzida a uma técnica<sup>7</sup>. Isso significa que os meios para obtê-la (e mantê-la) são relativamente universais (não dependem de contextos particulares), derivam de saberes e performances específicos que podem ser registrados, destrinchados e explicados e, principalmente, podem ser ensinados e aprendidos. Os caminhos são muitos e fáceis: dos ensinamentos da “psicologia positiva” (João Freire Filho) à medicalização performática (Benilton Bezerra Jr., Toby Miller); da entrega aos grandes espetáculos (Christian Ferrer) às técnicas de modelagem corporal da “felicidade lipoaspirada” (Paula Sibilia), a felicidade está sempre “ao alcance de todos” (Vera França) e os resultados práticos de uma vida feliz são “cientificamente comprováveis” pelos mais diversos institutos de pesquisa. A felicidade surge em várias facetas de múltiplos campos técnicos: como uma subárea da psicologia, um objeto da psiquiatria e da farmacêutica, um projeto de pedagogia, um “recurso humano” da administração ou um “conceito” do *marketing*. Qualquer pessoa pode ser feliz porque qualquer pessoa pode *fazer-se* feliz (com uma pequena ajuda dos especialistas, é claro).

A busca contemporânea da felicidade, em suma, é parte das regras do jogo. E, talvez, sempre tenha sido. A coletânea é rica em demonstrar como, ao contrário do senso comum corrente, aquilo que os seres humanos constroem como um “regime de bem” não é um decisão do indivíduo, mas a resultante de processos culturais amplos, em estreita conexão com a vida material e cotidiana. Na expressão de Luiz Fernando Dias Duarte (p. 252): “Os regimes de bem são intrinsecamente relacionais: a experiência de estar entrando nas redes familiares, da vizinhança, das comunidades de trabalho ou religiosas é um critério *princeps* da felicidade possível”.

Se assim for, *Ser feliz hoje* é um livro que mostra o que a concepção de felicidade tem as nos dizer sobre o mundo contemporâneo. Há um universo de relações sociais em que é possível surgir o *Ubuntu* e há o nosso, em que, a despeito da *eudeimonia* grega, foi possível construir esta concepção atual de felicidade. A questão que a obra busca esquadriñar diz respeito à cultura que produz certas formas específicas de representação de valores fundamentais, ensejando aspirações que terminam por pautar o agir cotidiano. Essas representações, presentes nos discursos técnico-científicos, mas, principalmente, produzidas e difundidas pela mídia, terminam por naturalizar-se como valores “espontâneos”, fora da história e das relações sociais concretas, sendo admitidos e incorporados, assim, pelos indivíduos.

7 O título do artigo assinado por João Freire Filho faz uma referência à “reprodutibilidade técnica” de Walter Benjamin: “A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo pessoas ‘cronicamente felizes”.

A representação da felicidade talvez seja um ponto particularmente sensível para a interpretação de uma cultura porque nela convergem ideias e valores basilares que são perseguidos ativamente, ou seja, ela norteia o que cada cultura (em seu tempo) pode considerar o modelo de “bem viver”. Assim, do ponto de vista mais amplo e genérico, ser feliz (sempre e em qualquer lugar) é algo que só é possível a partir das regras estabelecidas por uma cultura específica, mesmo que haja “brechas” para concepções alternativas ou contra-hegemônicas, com tudo de sublime e devastador que essa integração possa implicar. Ela (a noção de felicidade socialmente construída) constitui uma parte fundamental do *Habitus* (Bordieu) e colabora para a construção dos “corpos dóceis” (Foucault) necessários à reprodução ampliada da sociedade.

Em resumo, na forma como o livro aponta, a felicidade é uma força conservadora. Portanto, não há paradoxo na “tristeza da felicidade” contemporânea. Triste é a sociedade que produziu uma noção específica de felicidade, baseada nos valores e ideais que o livro expõe, como o individualismo, a desumanização, a tecnificação, a mercantilização. Substituímos a beleza poética do *Ubuntu* pelo pragmatismo cínico do “*greed is good*”. Essa máxima “moral” (pela falta de uma expressão mais apropriada) muito em voga nos anos 80, normalmente é traduzida como “a ganância é boa”, mas essa talvez seja mais uma armadilha do idioma inglês. Melhor seria traduzí-la como “a ganância é o *bem*”, demonstrando as nossas concepções sobre os valores sociais.

Se o diagnóstico oferecido pela análise da felicidade não parece muito animador, o prognóstico derivado não poderia ser muito diferente. Na introdução da obra (p. 23), o organizador, João Freire Filho, sintetiza os riscos e problemas de nossa concepção contemporânea de felicidade:

“O conjunto de análises críticas enfeixadas na coletânea deixa claro que a felicidade – a despeito de todo o ornamento poético e de todo o conhecimento científico que a recobrem de glórias – pode mobilizar premissas e aspirações problemáticas, responsáveis tanto por intensificar o amesquinamento dos horizontes ético e político quanto por promover o embrutecimento de nossas opções existenciais.”

Eis a nossa felicidade triste que, por negar-se à alteridade, pode nos conduzir a um fechamento embrutecedor. Em uma passagem do filme “Conan, o bárbaro”, um mercador oriental pergunta ao guerreiro durante um jantar: “O que é o melhor da vida?”. A resposta vem sem hesitação: “Esmagar os inimigos, vê-los curvar-se diante de você e ouvir o lamento de suas mulheres”. Será que o modelo de felicidade do mundo fictício de Conan está tão distante da nossa concepção de *ser feliz hoje*?

Edilson Cazeloto é professor da pós-graduação em Comunicação da UNIP.

edcazeloto@yahoo.com.br